

# HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REFLEXÕES SOBRE AS TRAJETÓRIAS FORMATIVAS

Fabiana Ritter Antunes<sup>1</sup>

Julia Bolsoni<sup>2</sup>

Hugo Norberto Krug<sup>3</sup>

## Introduzindo a temática

O presente artigo teve como objetivo associar duas histórias de vida permeando os processos formativos ao longo da carreira docente de duas professoras que atuam com a disciplina de Educação Física.

A partir da aproximação com a história de vida das professoras, buscamos, nesse contexto, conhecer suas vivências ao longo do processo formativo, dentre elas, a escolha profissional, as trajetórias percorridas durante a graduação, os desafios e as conquistas ao longo da carreira docente, bem como as lembranças dos antigos professores, que de uma forma ou de outra, contribuíram para o processo de tornar-se e constituir-se professora ao longo da sua vida e da caminhada docente, e principalmente na construção de sua identidade. Essas lembranças que aguçam a memória e encontram-se vivas na história de muitas professoras, contribuem para a construção identitária docente.

Assim, sentimos a necessidade de nos ancorarmos em alguns estudos que contribuíram para pensarmos as narrativas de vida e as aproximações dessas com as trajetórias formativas vividas pelas professoras de Educação Física, bem como refletirmos sobre as memórias que implicaram e/ou implicam na construção identitária do professor. Estudos desenvolvidos por Bosi (1994), Kramer (2006), Oliveira (2006), Passegi (2006), Souza (2006), Krug e Krüger (2008), Souza (2008), Barcellos e Friedbein (2010), Antunes (2011) entre outros, estiveram presentes durante o desenvolvimento do trabalho e contribuíram de forma dialógica para que essa pesquisa se constituísse.

Em relação ao trabalho docente, vários autores analisam a carreira docente em ciclos de desenvolvimento profissional (GONÇALVES, 1995; HUBERMAN, 1995; MARCELO GARCIA, 1999; NASCIMENTO; GRAÇA, 1998; FARIAS; SHIGUNOV; NASCIMENTO, 2001; HOPF; CANFIELD, 2001). Esses autores têm se preocupado com questões referentes à carreira do professor, sendo essa uma profissão fortemente exigente do ponto de vista das relações humanas e da dedicação à docência (HOPF; CANFIELD, 2001).

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria. Contato: fabizeenaa@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria. Contato: julia\_bolsoni@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria. Contato: hnkrug@bol.com.br

Apesar da carreira docente contemplar os ciclos de desenvolvimento profissional, definidos em ciclos de entrada, consolidação, diversificação e estabilização (NASCIMENTO; GRAÇA, 1998), o seu desenvolvimento não ocorre frequentemente de forma linear. De fato, constitui um processo no qual sempre acontecem fatos que marcam a vida profissional (HUBERMAN, 1995), pois cada professor possui seu próprio modo de agir, de se relacionar com os alunos, de manifestar sua satisfação após a aprendizagem, de utilizar as estratégias pedagógicas. Além disso, Costa *et al.* (2004) acrescentam que a trajetória da carreira é afetada tanto por experiências pessoais quanto por influências organizacionais, que determinam a sua descontinuidade e a ocorrência de respostas distintas do indivíduo em cada ciclo de desenvolvimento profissional.

Assim, pretendemos ao longo do estudo dialogar sobre a narrativa (auto)biográfica que carrega em suas enunciações a totalidade de uma experiência, que outrora já foi significada, e agora, quando comunicada ao(s) pesquisador(es), é (re)significada pela trajetória histórica e social do sujeito que narra (ABRAHÃO, 2006). Assim, para além das palavras enunciadas existe uma trajetória que conta percursos de formação e de vivências. Dessa forma, mais que palavras, a narração envolve sentimentos, gestos, olhares e silêncios.

Portanto, este estudo vem ao encontro de alguns manuscritos relacionados com a identidade docente, contudo nossa intenção é aproximar duas histórias de vida especificamente de professoras de Educação Física no sentido de entender como acontecem os momentos de reflexão, construção e, principalmente, das experiências adquiridas na formação dentro da escola.

### **Mostrando um pouco de embasamento teórico: a trajetória formativa docente**

A formação de professores vem sendo amplamente discutida em pesquisas nacionais e internacionais em educação, constituindo-se em uma temática importante nas discussões acerca de uma educação de qualidade. As pesquisas apontam para uma investigação fundamentada nos conhecimentos adquiridos pelos professores, sejam aqueles provenientes do exercício profissional, sejam aqueles adquiridos na formação inicial e na continuada.

Autores como Nóvoa (1995), Tardif (2002), Freire (1996) e Antunes (2007) contribuem com suas pesquisas no sentido de considerar como complexa a prática docente, bem como os múltiplos saberes adquiridos ao longo dessa trajetória. O professor a ser compreendido como produtor de saberes constrói na sua atuação, práticas que surgem ao

longo da sua formação profissional e pessoal. Antunes (2007, p.91) ainda complementa essa ideia quando coloca que “a prática docente desenvolvida na sala de aula é resultante não só dos conhecimentos adquiridos através do ingresso na licenciatura, mas também da trajetória de vida e do saber da experiência”.

Segundo alguns autores (MARCELO GARCIA, 1999; GONÇALVES, 1995; HUBERMAN, 1995), a carreira docente configura-se como um processo de formação permanente e de desenvolvimento pessoal e profissional do adulto-professor, que compreende não apenas os conhecimentos e competências que o mesmo constrói na formação, mas também a pessoa que ele é, com todas as suas crenças, idiosincrasias e história de vida, e o contexto em que exerce a atividade docente.

Tardif (2002), Huberman (1995) e Valle (2006) concebem a carreira docente como um processo de socialização e incorporação da atividade profissional, de modo a apresentar variações de acordo com o tempo e a função a ser desempenhada.

Quanto à discussão sobre a formação inicial dos professores é necessário um olhar mais atento para a presença da prática docente. É indispensável que se crie dentro das instituições de ensino superior um espaço maior para discussões teóricas aliadas às experiências práticas. Tardif (2002) ressalta que as vivências práticas não devem ficar restritas às disciplinas de estágio, e sim, precisam ser (re)elaboradas em todo processo de formação inicial.

Segundo Yinger (*apud* PÉREZ GÓMEZ, 1992) a prática deve constituir-se como ponto central do currículo de formação de professores, sendo que o conhecimento deve reportar-se à prática e ao conjunto de problemas e interrogações que servem no diálogo com as situações conflituosas do cotidiano escolar.

Já Nóvoa (1992) salienta que a formação não se constrói por acumulação de conhecimentos ou de técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade profissional.

De acordo com Oliveira e Lampert (2007) a prática reflexiva se caracteriza como sendo um ingrediente que proporciona aos professores uma auto-avaliação de crenças e práticas pedagógicas cotidianas, mudanças de posturas percebidas em suas histórias, em suas interações com as diversas áreas do conhecimento, em situações de problematização geradas no ato educativo e nas condições sociais e históricas que atravessam o exercício da profissão.

Nesta perspectiva de formação torna-se importante (re)pensar a formação continuada, como uma possibilidade de reflexão e (re)construção de saberes práticos. Dessa forma, a formação continuada deve “substituir o significado construído em torno da professora formada, pelo de professora em formação” (ANTUNES, 2001, p.9) possibilitando uma reflexão crítica sobre a prática e articulando ideias com o intuito de aprimorá-las, quando necessário.

Segundo Marcelo García (1999) existe a necessidade de que a formação de professores contribua para que os professores em formação se formem como pessoal, consigam compreender a sua responsabilidade no desenvolvimento da escola e adquiram uma atitude reflexiva acerca do seu ensino.

Ainda o autor supracitado, afirma que as metas e finalidades na formação inicial de professores incluem as dimensões de conhecimentos, destrezas, habilidades, competências, atitudes e/ou disposições.

### **Apontando o caminho metodológico percorrido**

Antes de dar início à discussão proposta nos objetivos deste estudo, é plausível a apresentação do caminho metodológico percorrido durante a realização da pesquisa que embasa a escrita desse texto, costurados às narrativas das professoras participantes.

Assim, pensando no desenvolvimento deste estudo, buscamos uma metodologia que contribuísse para o processo investigativo do trabalho. Nesse sentido, Antunes (2001, p.49) contribui afirmando que “a metodologia, portanto vai além de definir os métodos a serem utilizados pelo pesquisador. Ela torna-se um ponto estrutural no trabalho de investigação científica, porque aponta condições para o pesquisador guiar-se durante a sua investigação”. Além de definir os métodos, o pesquisador precisa saber como mediar esse processo, como inserir-se na sua própria investigação.

Desta forma, a metodologia desta pesquisa apóia-se nos estudos realizados por Bogdan e Biklen (1994) e está fundamentada em uma abordagem qualitativa.

Tendo em vista que a pesquisa qualitativa abre espaços para uma investigação flexível, utilizamo-nos da abordagem (auto)biográfica, como método da pesquisa, trabalhando com relatos (auto)biográficos escritos.

Conforme Souza (2006, p.135-136) no momento da escrita da narrativa o sujeito dialoga com sua singularidade, as reflexões vão sendo (re)constituídas e a escrita de si possibilita um espaço/tempo de (auto)conhecimento e (auto)formação. Assim, a escrita de si “[...] configura-se como atividade formadora porque remete o sujeito para uma posição de aprendiz e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experienciais”. As experiências possibilitam ao sujeito a construção, produção e mobilização de novos saberes, saberes específicos e fundamentais que se entrecruzam com questões históricas, sociais e culturais (TARDIF, 2002).

Ao falarmos em experiências buscamos apoio em Larrosa (2002), mais especificamente no texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, significações para essa palavra. Antes de conceituarmos o termo experiência é relevante mencionarmos a importância das palavras. Para o autor as palavras possuem uma força, um poder capaz de (des)construir ideias, conceitos, contextos, pessoas. As palavras determinam nossos pensamentos, ações, emoções, e nossa linguagem: “as palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras” (LARROSA, 2002, p.21).

A palavra experiência para Larrosa (2002) é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti-experiência.

Em Borges (1998) encontramos uma definição de experiência em que soa muito bem essa exposição, essa receptividade, essa abertura, assim como essas duas dimensões de travessia e perigo que acabamos de destacar:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (BORGES, 1998, p.143).

Assim, nossa preocupação consiste em compreender como os docentes vão se tornando professores ao longo da sua carreira, para, desse modo, encontrarem as respostas

formativas mais adequadas às características específicas de cada momento da sua condição de pessoas-profissionais, tendo presentes, ao mesmo tempo, as diferentes conjunturas sócioeducativas.

Ainda, conforme Neira (2006), se na formação inicial o eixo encontra-se nos saberes da experiência dos futuros professores e nos saberes do currículo, na formação contínua o eixo central está na reflexão crítica que deve ocorrer na experiência profissional e a partir dos saberes advindo dela.

Para a interpretação das informações os pesquisadores buscaram ser cautelosos e flexíveis no que se refere às informações que tratam de sentimentos e emoções nos trajetos de vida das professoras. Foi um espaço para narrar e exemplificar todo o desenrolar de sua trajetória formativa.

Este caminho metodológico, “exige do pesquisador a construção de uma meta-narrativa”. Assim, quando algo é (re)significado pelo colaborador da pesquisa, implicando situações reais e emocionais de sua vida, o pesquisador pode imprimir sentidos no todo dos elementos de que dispõe. Nesse sentido, sua interpretação representa uma leitura do material para além das narrativas (ABRAHÃO, 2006, p.156).

Os participantes desta pesquisa foram duas professoras de Educação Física que aceitaram contribuir para este estudo.

O instrumento utilizado para a realização deste estudo foi um relato (auto)biográfico escrito pelas colaboradoras a partir de alguns temas relevantes para a contribuição do processo de formação.

As informações fornecidas pelas colaboradoras, através dos relatos escritos, receberam um tratamento sequencial, sendo evidenciado três momentos distintos para ordenação dos dados importantes para o objetivo do estudo. A primeira etapa foi denominada de ‘registro geral’, mantendo-se na íntegra o relato (auto)biográfico escrito pelas colaboradoras. A segunda etapa foi o ‘registro cronológico’ de cada trajetória de vida, na qual se ordenou as informações obtidas de cada colaboradora, de acordo com os pontos fundamentais que corresponderam ao objetivo do estudo. A terceira etapa foi o ‘registro temático’ que se referiu ao agrupamento das informações fornecidas por cada colaboradora, de modo que se estabeleceu um paralelismo entre as histórias de vida das professoras investigadas.

Após o tratamento descritivo e contextual das histórias de vida, individualmente e em grupo (dupla), o próximo procedimento se referiu à análise interpretativa das trajetórias das mesmas, ressaltando-se as evidências que motivaram as questões de estudo.

## **Era uma vez... contando a(s) histórias(s) de vida: os achados**

Num contexto de globalização da economia, disseminação mundial dos bens culturais e de intensa inovação tecnológica, conforme Freitas e Painz (2007), a formação do professor não pode mais ser pensada nos moldes tradicionais de ensino, pois, há a necessidade urgente de professores reflexivos em relação à sua prática, capazes de buscar soluções para os problemas que se colocam no ambiente escolar.

Assim Pimenta e Ghedin (2006) lembram da necessidade da formação reflexiva, pois um profissional formado nos moldes tradicionais de ensino, não é capaz de responder às situações que emergem no dia-a-dia profissional, já que suas exigências ultrapassam os conhecimentos elaborados pela ciência e as respostas técnicas que essa poderia oferecer não dão conta das zonas indeterminadas da prática.

Discorreremos a seguir os achados que o estudo revelou, a partir dos processos de formação docente. As duas professoras chamadas Maria Luiza e Eci, permitiram a revelação de seus nomes.

### **A escolha profissional**

A escolha profissional da professora Maria Luiza foi marcada desde a infância pelo desejo de ser professora.

*Desde criança eu falava que seria professora, mas não imaginava que seria de Educação Física. É necessário comentar que tive uma infância muito feliz, com muito movimento através de brincadeiras como: montar casinha de boneca, cozinhar, mas também muitas atividades de correr, subir em árvores (no pátio da minha casa as árvores eram cenário de circo, em que os galhos serviam de trapézio e um outro galho enorme era o elefante), andar de bicicleta, construir carrinho de lomba para descer a rua da minha casa que era uma ladeira, esconde-esconde, polícia e ladrão, gata-cega, corrida com pneu, jogo de bolita, etc. (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012).*

Ao contar fatos da infância Maria Luiza deixa claro que sempre foi uma criança muito ativa de temperamento extrovertido e que viveu muitas experiências durante a infância. A colaboradora relata que naquela época a vida era mais tranqüila: “*não tínhamos televisão, o trânsito era calmo e muitas das nossas brincadeiras eram realizadas na rua e a noite*” (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012).

Para Larrosa (2002) a experiência é algo que marca nossas vidas, é algo que nos acontece e nos causa inquietude, a experiência constitui-se ao longo do processo de ser e

tornar-se humano e conseqüentemente de ser e tornar-se professor. A experiência, para o autor, não é vivência, pois essa passa pelas nossas vidas sem deixar marcas. A experiência nos faz diferente, nos faz seres críticos, atuantes e inquietos. A experiência deixa rastros na história de uma vida, deixa lembranças que nunca serão esquecidas, como as brincadeiras de infância da professora Maria Luiza e como a sua escolha profissional de ser professora.

Kramer (2006), amparada teoricamente pela teoria crítica da cultura de Walter Benjamin, entende a narrativa como espaço de diálogo e de rememoração e compreende seu papel na constituição do sujeito social, enraizado por experiências coletivas. Assim, busca compreender a distinção estabelecida por Benjamin entre vivência e experiência: “na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização (por isso é finita); na experiência, a ação, é contada a um outro, compartilhada, tornando-se infinita” (KRAMER, 2006, p.20). Assim, a experiência narrada torna-se uma nova experiência no momento em que é compartilhada.

Ainda a autora revela que o trabalho dos professores precisa ser entendido a partir de uma perspectiva que dê conta de pensar o homem em sua totalidade e sua singularidade. Assim, os professores são sujeitos históricos, imersos em uma história coletiva e ao mesmo tempo individual. São produtores de linguagem e são constituídos por essa linguagem como seres humanos e sociais. A autora nos alerta que

[...] a perda gradativa do saber e do saber fazer, historicamente imposta aos professores, resulta não só da expropriação de bens materiais e culturais que uma sociedade desigual impõe, como também, e por causa dela, do próprio empobrecimento da experiência humana na contemporaneidade (KRAMER, 2006, p.9).

Assim, fica evidente a fala da professora Maria Luiza quando coloca que antigamente a infância era vivida intensamente pela experiência. Diferente dos dias atuais as crianças brincavam livremente nas ruas, movimentavam-se, criavam brincadeiras e jogos. Para a colaboradora as experiências de infância contribuíram de uma forma ou de outra para que ela, futuramente, se tornasse professora de Educação Física.

Outra influência marcante para a escolha profissional da colaboradora Maria Luiza foram as aulas de Educação Física na escola. “*Não tínhamos professores formados, mas as aulas eram ministradas por pessoas que fizeram algum curso ou eram de, alguma forma, envolvidas com atividades esportivas*” (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012).

Na trajetória escolar a partir do segundo grau Maria Luiza contraria seu desejo de criança e realiza sua matrícula no curso Científico.



Ao entrar para o II grau, contrariando o meu desejo de criança, não me matriculei no curso de Magistério ou outro, mas sim no Científico. Prestei vestibular para Medicina em Santa Maria, era o ano de 1974. Por conta da anulação do vestibular naquele ano, não retornei na 2ª vez, porque me entusiasmei com o fato de mudar minha opção e prestar vestibular para Educação Física. A minha decisão foi certa, se por eventualidade tivesse sucesso no vestibular para Medicina, hoje poderia ser uma médica competente, mas com certeza uma pessoa não muito feliz profissionalmente. (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012).

No relato de Maria Luiza fica claro que apesar da primeira opção pelo curso Científico seu desejo de ser professora permaneceu vivo, visto que a colaboradora relata que se tivesse escolhido outra carreira não seria tão feliz profissionalmente.

A colaboradora Eci, professora de Educação Física há 29 anos escolheu o curso de Educação Física por influência de uma professora que marcou sua vida como profissional e pessoa.

Este curso escolhi por influência de uma professora de Educação Física, a qual realmente marcou como profissional e como pessoa. Esta na época era coordenadora de Educação Física na escola onde eu estudava e disse que se eu quisesse fazer faculdade de Educação Física, ela pagava minha inscrição pro vestibular. (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

As lembranças da professora e suas vivências como aluna fizeram, de uma forma ou de outra, diferença na escolha profissional da colaboradora e futuramente também podem influenciar sua atuação prática. As lembranças, sejam elas positivas ou negativas, interferiram de modo reflexivo nas escolhas e práticas docentes. “Antigos mestres são presenças muito importantes. Seus gestos, suas atitudes, até mesmo as práticas de sala de aula, fazem parte de uma gama de influências, que irão compor as identidades profissionais dessas futuras professoras” (LEÃO, 2004, p.90).

Assim, muito daquilo que vivemos enquanto criança, na nossa infância e no nosso período de escolarização institucionalizada, constituiu-se como processos experienciais, significativos dentro do âmbito da história de vida que, ao ser (re)memorada, exprime reflexões sobre o que somos hoje, sobre nossas escolhas e sobre nossas referências de vida (OLIVEIRA, 2006).

### **As trajetórias formativas no curso de graduação**

A colaboradora Maria Luiza fez parte da 4ª turma do curso de Educação Física da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). A colaboradora relata que a faculdade estava ainda

se estruturando e que na trajetória do curso passou por muitas dificuldades, principalmente pela falta de estrutura física oferecida pela faculdade. *“A faculdade estava se estruturando, não tínhamos espaço físico, os alunos se deslocavam de um lugar para outro sendo que o atletismo era no quartel, handebol, ginástica e outros no ginásio municipal e aulas teóricas na faculdade”* (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012).

Apesar das dificuldades Maria Luiza não desistiu do seu sonho, ser professora de Educação Física: *“nada para mim era empecilho, tinha saúde, disposição, muita vontade e alegria”* (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012). A colaboradora narra com alegria o seu empenho durante a trajetória do curso, apesar das dificuldades encontradas, ela não desanimou, inclusive fazia parte do Diretório Acadêmico do curso de Educação Física, demonstrando comprometimento com a sua formação para além da sala de aula.

A colaboradora Eci iniciou seu curso de Educação Física com muitas dificuldades, principalmente pela oposição da família em relação à profissão.

Iniciei o curso com muitos contrários, primeiro tinha na família duas irmãs professoras, uma de Matemática e a outra de Ciências, não fui muito apoiada na minha escolha, e, segundo meu marido não apoiou também, pois o curso de Educação Física não era bem visto como profissão para mulher. Mas como desde cedo queria ser professora e gostava de desafios, resolvi enfrentar a todos e tudo. (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

Para Esteve (1999), com o passar do tempo, modificou-se a consideração social atribuída ao professor. Além da carreira docente ser desvalorizada pelo baixo salário e esse fator contribuir para um elemento de crise de identidade dos professores, existe também a desvalorização social da profissão docente. Antigamente, e principalmente no meio rural, o professor era visto como o principal guardião da cultura era respeitado e considerado por toda comunidade ao seu redor. No entanto, em tempos mais recentes, poucas pessoas estão dispostas a dar valor ao saber do professor. Julgam o professor como aquele que não foi capaz de conquistar um emprego melhor (com melhor salário), como aquele que entrou no magistério por possuir um currículo fraco, insatisfatório.

A colaboradora Eci precisou superar algumas dificuldades em relação à desvalorização da profissão professor. Primeiramente, pela falta de apoio da família, que, apesar de ter duas irmãs professoras, não foi incentivada a continuar na docência. Num segundo momento, não

teve apoio de seu marido, que considerava a profissão de Educação Física imprópria para mulheres.

De acordo com Esteve (1999) esses fenômenos instituídos pela sociedade podem influenciar a imagem que o professor tem de si mesmo e do seu trabalho profissional, provocando, segundo o autor, a emergência de uma crise de identidade que pode levar à autodepreciação pessoal e profissional.

No entanto, a colaboradora conseguiu refletir sobre suas escolhas enfrentando as dificuldades para realizar seu sonho.

Durante sua trajetória no curso de graduação a professora Eci nos conta que teve professores e disciplinas que marcaram sua vida.

[...] uma delas foi a professora de basquete que era bastante exigente, rígida, nem um pouco simpática com os alunos, e nessa disciplina não obtive um resultado satisfatório, pois estava grávida de meu primeiro filho e comecei a falhar alguns aquecimentos em suas aulas, inclusive tive alergia nas mãos do couro da bola de basquete, por essa razão a professora acabou me impedindo de continuar a disciplina, o que foi muito triste para mim. (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

Neste relato Eci traz lembranças tristes em relação à sua professora, que não foi compreensiva mesmo sabendo que a colaboradora estava grávida. No entanto, Eci traz na sua (auto)biografia que também aprendeu com esses professores, que deixaram marcas profundas, deixaram lágrimas e tristezas, mas certamente deixaram algum ensinamento.

No momento de escrita de sua história de vida, de buscar na memória as lembranças que por vezes ficaram adormecidas, a colaboradora Eci (re)significou as ações realizadas pela professora de basquete, superando desafios e construindo novos caminhos.

No decorrer do percurso formativo vamos construindo uma imagem de ser professor através de experiências pessoais e profissionais ou até mesmo através das lembranças e referências dos antigos mestres. Assim, “[...] à medida que vamos acumulando experiência como docente, temos a capacidade de modificar algumas ideias que tínhamos (re)significando saberes” (KRUG; KRUGER, 2008, p.40).

Durante a trajetória no curso de formação Maria Luiza relata algumas dificuldades que foram aparecendo no decorrer de sua caminhada, principalmente ao longo do seu estágio na escola particular Santíssima Trindade.

No estágio tive a oportunidade de realizá-lo na escola em que já trabalhava. É preciso dizer que uma faculdade necessita de profissionais competentes e

comprometidos, mas é necessário também dizer que as pessoas que buscam orientação para se profissionalizarem precisam ter vontade, ter um querer. Não cursei Magistério, na parte pedagógica (didática) tinha colegas mais experientes, no entanto, isto não foi empecilho para mim, busquei recursos e realizei ótimo estágio (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012).

A colaboradora demonstra na escrita da (auto)biografia ser uma professora comprometida com a educação, mesmo sem cursar o magistério e ter pouco acesso à parte didática da prática pedagógica, não fez disso um empecilho para seu trabalho. *“É preciso dizer que uma faculdade necessita de profissionais competentes e comprometidos, mas é necessário também dizer que as pessoas que buscam orientação para se profissionalizarem precisam ter vontade, ter um querer”* (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012). A narrativa da colaboradora vai ao encontro dos estudos realizados por Isaia e Bolzan (2007) que vêem o professor como sujeito autônomo, criador da sua própria história e do processo educativo do qual participa. Para as autoras o processo formativo e, conseqüentemente, o desenvolvimento profissional depende da vontade do professor. Primeiramente, o professor precisa querer se envolver com atividades formativas, com atividades que possibilitam a construção de sua professoralidade.

Nas pesquisas desenvolvidas por Isaia e Bolzan (2007) a professoralidade não só implica dominar conhecimentos, saberes, fazeres de determinado campo, mas envolve a sensibilidade do docente como pessoa e profissional, leva em conta as trajetórias formativas dos professores e das instituições, a criação de espaços de interlocução pedagógica via redes e aceitação dos desafios de novas formas de ser e de se fazer para a docência.

Na trajetória formativa de Maria Luiza a sua formação inicial esteve constantemente entrelaçada com sua experiência prática. Já no início do curso a colaboradora integra a formação inicial acadêmica com a formação prática, percorrendo caminhos importantes no seu percurso profissional.

No momento em que iniciei o curso, já fui buscar trabalho. Tive experiência em academia, no SESC, escola particular. Em seguida fui contratada pela escola estadual e após cinco anos, tive a oportunidade de prestar concurso e ser efetivada. Na escola particular realizei meu trabalho com alunas do magistério. No SESC trabalhava com crianças e adultos e na escola pública 5ª a 8ª série. Também fiz parte do projeto de implantação da Psicomotricidade na Educação Física nas séries iniciais em que a Faculdade de Educação Física de Cruz Alta foi a mentora e pioneira dessas atividades, servindo de referencial para todo o estado do RS e outros estados, inclusive São Paulo. (Maria Luiza, Relato autobiográfico, 2012).

Para Antunes (2011, p.12) os processos formativos de professores devem estar articulados com atividades de pesquisa e extensão, visto que é nesta relação teoria/prática que os professores irão compreender o significado da sua profissão, “[...] de refletir sobre sua ação pedagógica, de relacionar os preceitos teóricos recebidos nos cursos de formação à ação docente desenvolvida na sala de aula”. É nessa relação/interlocução que os professores terão possibilidades para criar e construir alternativas metodológicas que auxiliem os processos de ensinar e aprender para além de algo instituído e rígido.

Durante sua trajetória como acadêmica a colaboradora Eci relata sua relação construída com colegas, professores, funcionários e instituição.

A relação afetiva durante o curso de graduação com colegas, professores, funcionários e instituição foi a melhor possível, com muita alegria, respeito e sinceridade, características essas que valorizo muito, e, acredito que toda a relação que for embasada no respeito, na sinceridade, as pequenas dificuldades serão enfrentadas com alegrias. (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

A relação social do professor consigo próprio e com o meio no qual está inserido, relações com os alunos, colegas de trabalho, funcionários e a própria instituição, também fazem parte do processo de tornar-se professor. Para Zabalza (2004) a aprendizagem se dá também em um contexto de trocas, não é algo que ocorre no vazio social. Aprendemos em um processo interno com nós mesmos, mas também e principalmente nas trocas feitas com as demais culturas, histórias, instituições.

A colaboradora Eci iniciou sua carreira profissional em 1983 na Escola Municipal Toríbrío Veríssimo localizada na vila Boa Parada, Município de Cruz Alta/RS. No início da carreira Eci relata que passou por algumas dificuldades, principalmente pela pequena estrutura da escola e pelas dificuldades encontradas pelos alunos da sua primeira turma, uma turma de 1ª série com 26 alunos e com currículo por atividades. Mas não desanimou, queria realizar um trabalho diferenciado principalmente porque já conhecia a realidade da escola, a equipe diretiva, os professores, os funcionários e alguns alunos.

A Escola Municipal Toríbrío Veríssimo era pequena, mas aconchegante, facilitou meu trabalho, pois conhecia a realidade da escola, bem como equipe diretiva, professores, funcionários e alguns alunos. Recebi uma turminha de 1ª série com 26 alunos e currículo por atividade; no início não foi fácil, os alunos demonstravam dificuldades ímpares. Eu, como não era muito assustada resolvi fazer um trabalho diferenciado das demais professoras de primeiras séries, aliando o que estava aprendendo na faculdade de Educação Física, ou seja, aprender brincando, para minha surpresa no final do ano meus alunos estavam, a maioria deles, lendo fluentemente, alguns

ainda apresentavam dificuldades em matemática, mas foram aprovados. (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

A prática pedagógica do professor constitui-se através de uma trama de relações e articulações com saberes teóricos e práticos construídos no decorrer do seu desenvolvimento profissional.

Autores como Candau e Lelis (1990) discutem essa constante relação entre teoria e prática, no sentido de debater nos cursos de formação profissional, a superação de uma visão dicotômica entre teoria e prática oriunda de uma educação fundamentada numa racionalidade técnica instrumental.

Conforme menciona Terra (2010) no campo da Educação Física essa visão instrumentalista e dicotômica também aparece. Para a autora a tendência educacional baseada em concepções técnico-instrumental levou a um empobrecimento no debate educativo no processo de formação de professores de Educação Física. Esse esvaziamento de criticidade pode ser compreendido “[...] pela fragmentação/lacuna entre uma área dita ‘técnica’ (treinamento esportivo, saúde, adaptada) e uma área ‘pedagógica’ (escola)” (TERRA, 2010, p.353).

A colaboradora Eci conseguiu realizar um trabalho diferenciado integrando suas experiências teóricas advindas da academia com suas vivências práticas desenvolvidas no início da carreira profissional. Ao longo do ano a professora desenvolveu um trabalho de ‘aprender brincando’ e para sua surpresa “[...] no final do ano meus alunos estavam, a maioria deles, lendo fluentemente, alguns ainda apresentavam dificuldades em Matemática, mas foram aprovados” (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

No ano seguinte Eci nos conta que recebeu um convite da direção da escola para trabalhar Educação Física em todas as turmas do currículo, pois sua primeira experiência na escola havia trazido resultados positivos na aprendizagem dos alunos.

Assim, é relevante que o professor entre em contato, debata e reflita com as diversas problemáticas profissionais, nem sempre as aulas saem como planejamos, mas os erros e as decepções também auxiliam na constituição da identidade profissional de ser e tornar-se professor.

No ano de 1984, fui transferida de escola, e passei a ministrar aulas de Educação Física também para o currículo por atividades, porém com mais uma inovação, uma turma de pré-escola. A experiência com esta turma, não poderia ser mais gratificante, montei um grupinho de danças com os pequenos e estes representavam a Escola Henrique Hostin em qualquer evento. Eu, particularmente sentia-me cada vez mais segura do meu trabalho e nos

anos seguintes lancei um projeto de danças gaúchas, foi maravilhoso, saía eu e minhas crianças pela rua todos pilchados, e, eu carregando o ‘Pau de Fita’ nas costas até os locais onde íamos nos apresentar. Foram momentos maravilhosos, meu trabalho foi reconhecido em nível de município onde os alunos das escolas da rede municipal que quisessem fazer parte deste grupo que chegassem. (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

Uma nova experiência surge na carreira de Eci, trabalhar com a educação infantil. Ela relata bastante animada suas gratificações ao desenvolver seu trabalho com uma turma que ainda não havia trabalhado.

Para Larrosa (2000, p.184) “a infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram: algo que podemos explicar e nomear, algo sobre o qual podemos intervir, algo que podemos acolher”. No entanto, Larrosa (2002, p. 184) também destaca que a infância é um outro, um desconhecido: aquilo que “inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento”. A infância é um mistério com inquietações, questionamentos e vazios. Ao mesmo tempo em que a conhecemos e nos aproximamos dela também acolhemos suas inquietações e incertezas.

O desafio de trabalhar com a infância está, não apenas em transformar nossos discursos, mas, também nossas práticas e atuações. O planejamento deve estar envolvido pela concepção de criança e pela concepção de infância, deve ser flexível e permear diversos sentimentos, ações e reações. Toda criança tem direito de criar, fantasiar, brincar, jogar, criticar. O movimento é importante para os pequenos, sentar e ficar quieto é como limitar o pensamento. As crianças “reconstróem das ruínas; refazem os pedaços” (KRAMER, 2006, p.16), e isso é vida, é cultura, é buscar formas de aprender.

A colaboradora Eci relata em sua (auto)biografia que por muitas vezes foi convidada a ser diretora da escola e também chegou a trabalhar na Secretaria de Educação, mas sua paixão por ser professora sempre permaneceu viva na memória e foi na sala de aula que ela permaneceu.

No ano seguinte fui convidada para ser a diretora da escola, enfrentei, fui eleita, mas não aceitei pelas exigências que se fazia, talvez por ser jovem ainda e não ter aquele ‘jogo de cintura’ necessário em certos momentos. Na época fiquei bastante triste, revoltada, pois era política, mas não filiada a partidos políticos. Renunciei o cargo da direção e fui para a Secretaria Municipal de Educação desempenhar funções técnicas pedagógicas. A experiência foi válida, mas não estava realizada, algo me faltava precisava movimento, gente, espaço [...] (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

Ao sair da Secretaria Municipal de Educação a professora Eci foi chamada para trabalhar na Escola de Zona Rural Arthur Brun. Nessa escola iniciou como professora de Educação Física e logo ao entrar já organizou um campeonato realizado nos finais de ano, ‘Jogos Escolares de Fim de Ano’, com o objetivo de integrar escolas e alunos. Esse campeonato trouxe para a colaboradora *“momentos inesquecíveis, pois a participação de outras escolas era gratificante, grandes trocas ocorriam entre alunos, professores, funcionários, pais e comunidade”* (Eci, Relato autobiográfico, 2012). Nessa escola a professora formou também um *“grupo de dança cigana para representar a escola em ocasiões especiais”*.

A colaboradora Eci desenvolveu seu trabalho pensando na escola como lugar de circulação de cultura, de troca de diálogos, de possibilidades para criar e viver experiências.

Vago (2010) defende que precisamos pensar a organização do ensino de Educação Física na escola no plano da ‘cultura’. “A história está aberta à permanente (re)construção de nossas experiências, então temos boas chances de (re)inventar maneiras de fazer a Educação Física na escola” (VAGO, 2010, p.316). O autor menciona a importância de (re)inventar a prática através da ginástica, do esporte, da dança, dos jogos, das brincadeiras, enfim, das diversas possibilidades inventivas do ser humano.

A professora Eci nos conta que todas as atividades realizadas durante sua carreira profissional foram registradas com fotos e filmagens para quando *“eu estivesse aposentada pudesse, com o tempo lembrar todos os momentos bem vividos de minha profissão”* (Eci, Relato autobiográfico, 2012).

Saliento também, se tivesse hoje que escolher uma profissão, com certeza seria ‘professora de Educação Física’ e faria tudo de novo, com o mesmo amor, com a mesma dedicação, mesma responsabilidade, e procuro passar tudo isso, essa lição de vida a meus filhos que o que realmente importa é sermos felizes e apaixonados pelo que realizamos. Fazer a diferença, sem ser diferente! Obrigada meu Deus! (Eci, Relato autobiográfico, 2012)

Ao final da sua (auto)biografia relata com amor a escolha de ser professora de Educação Física.

### **Finalizando: a(s) possível(is) conclusão(ões) percebida(s)**

Considerando todo o exposto anteriormente, destacamos que o objetivo deste artigo foi aproximar duas histórias de vida permeando os processos formativos ao longo da carreira docente de duas professoras de Educação Física.



Entendemos que este tipo de estudo tem como eixo estruturante resgatar as vozes dos professores como uma forma de se opor ao desenvolvimento daquilo que está estabelecido e prescrito na sociedade atual.

Assim, consideramos que, a partir dos relatos (auto)biográficos das professoras Eci e Maria Luiza, podemos afirmar que provocou sentimentos de felicidade, tristeza, emoção ao recordarem suas trajetórias formativas e principalmente que ocorreu uma transformação na concepção de como elas se tornaram professoras.

As professoras explicitaram suas experiências, mergulharam em suas memórias, algumas mais positivas, outras mais negativas, suas crenças, seus valores, seus princípios e principalmente sua trajetória, onde podemos refletir criticamente a cerca da profissão de professor.

Portanto, foi possível observar como se construiu esse processo de formação do profissional de Educação Física destas duas professoras, Maria Luiza e Eci. E, no direcionamento das ideias desenvolvidas nesse estudo, é que consideramos a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que possam vir a qualificar a compreensão de uma formação de professores mais adequada aos nossos tempos de hoje, e não simplesmente acreditarmos e sermos coniventes com as armadilhas pedagógicas de modismos e compreensões de caráter instrumental, que não dão conta da complexidade do real.

### **Referências bibliográficas**

ABRAHÃO, M.H.M.B. As narrativas de si resignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: ABRAHÃO, M.H.M.B.; SOUZA, E.C. de (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ANTUNES, H.S. *Ser aluna, ser professora: uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional*, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

\_\_\_\_\_. Relatos autobiográficos: uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras. *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria, v.32, n.1, 2007.

\_\_\_\_\_. *Ser aluna, ser professora: uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011.

BARCELOS, V.; FRIEDBEIN, M. A leitura e a escrita na vida de professoras: do vivido, do aprendido e do ensinado. In: ANTUNES, H.S.; BARCELOS, V. (Orgs.). *Alfabetização, letramento e leitura: territórios formativos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 4. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, C.M.F. *O professor de Educação Física e a construção do saber*. Campinas: Papirus, 1998.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, V.M.; LELIS, I.A. A Relação teoria-prática na formação do educador. In: CANDAU, V.M. (Org.). *Rumo a uma nova Didática*. Petrópolis: Vozes, 1990.

COSTA, L.C.A; LETTNIN, C.C. da; SOUZA, R.R. de; NASCIMENTO, J.V. do. Potencialidades e necessidades profissionais em Educação Física. *Revista de Educação da UEM*, Maringá, v.15, n.1, p.17-23, 2004.

ESTEVE, J.M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC, 1999.

FARIAS, G.O.; SHIGUNOV, V.; NASCIMENTO, J.V. Formação e desenvolvimento profissional de professores de Educação Física. In: SHIGUNOV NETO, V. (Org.). *A formação profissional e a prática pedagógica: ênfase nos professores de Educação Física*. Londrina: O Autor, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, D.S.; PAINZ, C.M. A construção da reflexividade do profissional professor por meio do diário da prática pedagógica. In: FREITAS, D.S.; GIORDANI, E.M.; CORRÊA, G.C. (Orgs.). *Ações educativas e Estágios Curriculares Supervisionados*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

GONÇALVES, J.A.M. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

HOPF, A.C.O.; CANFIELD, M.S. Profissão docente: estudo da trajetória de professores universitários de Educação Física. *Revista Kinesis*, Santa Maria, v.24, p.48-71, 2001.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

ISAIA, S.; BOLZAN, D.P.V. Construção da profissão docente/professoralidade em debate: desafios para a educação superior. In: CUNHA, M.I. (Org.). *Reflexões e práticas em pedagogia universitária*. Campinas: Papirus, 2007.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL, Ministério da Educação. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

KRUG, H.N.; KRÜGER, L.G. As concepções da formação profissional da licenciatura em Educação Física: trajetórias e suas perspectivas contributivas. In: KRUG, H.N. (Org.). *Os professores de Educação Física e sua formação*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física, 2008.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, jan/abr., 2002.

LEÃO, D.O. *Memórias e saberes de alfabetizadoras: representações sobre a leitura e escrita da história de vida de três professoras*, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

MARCELO GARCÍA, C. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.

NASCIMENTO, J.V. do; GRAÇA, A. A evolução da percepção de competência profissional de professores de Educação Física ao longo da carreira. In: CONGRESSO DE EDUCACIÓN FÍSICA E CIÊNCIAS DO DEPORTE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, VI, 1998. *Actas*, 1998.

NEIRA, M.G. *Educação Física: desenvolvendo competências*. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2006.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, M.O.; LAMPERT, J. O Estágio Curricular como campo de conhecimento e suas especificidades no ensino das Artes Visuais. In: FREITAS, D.S.; GIORDANI, E.M.; CORRÊA, G.C. (Orgs.). *Ações educativas e Estágios Curriculares Supervisionados*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007.

OLIVEIRA, V.F. Narrativas e saberes docentes. In: OLIVEIRA, V.F. (Org.) *Narrativas e saberes docentes*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006.

PASSEGGI, M. da C. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: ABRAHÃO, M.H.M.B.; SOUZA, E.C. de (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

SOUZA, E.C. de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: ABRAHÃO, M.H.M.B.; SOUZA, E.C. de (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

\_\_\_\_\_. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: SOUZA, E.C. de. *(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes*. Natal: EDUFRN, 2008.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TERRA, D.V. A biografia-narrativa como estratégia de formação do professor de Educação Física. In: SANTOS, L. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VALLE, I. R. Carreira do Magistério: Uma escolha profissional deliberada? *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 87, n. 216, 2006.

VAGO, T.M. Educação Física e a cultura escolar: notas de reflexão. In: SANTOS, L. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ZABALZA, M.A. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Submissão: setembro de 2013  
Publicação: maio de 2014